

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**A *chora* egípcia e as identidades culturais no Egito Romano:  
uma abordagem arqueológica**

Márcia Severina Vasques\*

**Resumo:** Por meio da análise das máscaras funerárias egípcias da época romana procuramos discutir algumas questões relevantes sobre as relações sociais e a identidade cultural do Egito de então. A principal delas é a criação de uma elite local de origem “grega” pelo governo romano e seu papel na propagação de elementos de origem grega e romana no meio cultural egípcio, os quais podem ser observados nas características faciais e no tipo de vestimenta retratados nas máscaras funerárias. Estas formas artísticas variavam cronológica e geograficamente, conforme as particularidades regionais e o interesse da elite dominante aliada ao Império Romano.

**Palavras-chave:** Egito Romano - Máscaras funerárias - Identidade cultural

**Abstract:** Through the analysis of burial masks of Roman Egypt we discuss some relevant issues bearing on the social relations and identity cultural in Egypt of those times. Prominent among them is the creation of a local elite of “Greek” origin by the Roman government, and its role in the propagation of elements of Greek and Roman origin in the Egyptian cultural milieu, which can be observed in the facial characteristics and in the garments portrayed in the burial masks. These artistic forms varied chronologically and geographically, according to the regional particularities and the interest of the dominant elite, allied to the Roman Empire.

**Keywords:** Roman Egypt - Burial masks - Cultural identity

## 1. Introdução

Estudos mais recentes a respeito do Egito Romano alteraram a maneira tradicional da historiografia em considerar o Egito como uma província romana exclusiva e particular. Dentro deste novo contexto, novas abordagens procuram vislumbrar a estratégia de política de dominação romana e sua influência na constituição de uma elite local, principalmente na *chora* (o Egito, com exceção da capital, Alexandria). De mera continuação da dinastia ptolomaica, o período romano passou a ser considerado como possuidor de características próprias diferentes daquelas instituídas pelos Ptolomeus. Tal especificidade adveio do próprio caráter da dominação romana que, no Egito, não foi diferente daquela introduzida em outras províncias imperiais. No Egito também houve a cooptação e mesmo a “criação” de uma elite local, de origem grega, que colaborou com o governo romano em troca da concessão da cidadania romana e da obtenção de privilégios políticos e sociais.

---

\* Doutora, Profa. Adjunto I - UFRN.

A cultura material do Egito Romano nos revela esta nova sociedade, na qual a pluralidade cultural deixava à disposição dos indivíduos a escolha de diferentes sistemas de representação, notadamente o egípcio, o grego e o romano. O material funerário produzido no Egito neste período não é uma exceção. Os artesãos tinham à sua disposição formas artísticas egípcias, gregas e romanas que empregavam segundo suas necessidades e intenções específicas. Apesar de os elementos religiosos serem predominantemente egípcios, principalmente quanto aos invólucros mortuários (caixões, cartonagens, mortalhas etc.), a presença de elementos gregos e romanos pode ser discutida. Restringiremos nossa abordagem às máscaras funerárias. Pretendemos mostrar que, embora estas revelem a continuidade das concepções religiosas tradicionais, que remontam ao período faraônico, sua iconografia, o material utilizado na sua fabricação e sua definição espacial no território egípcio (*chora*) permitem-nos vislumbrar aspectos das relações sociais do Egito de então. Após um breve histórico do Egito no período romano, analisaremos alguns exemplares de máscaras funerárias, conforme a região do Egito à qual pertence (Fayum, Alto e Médio Egito, Oásis).

## 2. Egito Romano

O período de dominação romana no Egito se estende de 30 a.C. a 395 d.C., quando o Império Romano foi dividido em ocidental e oriental e o Egito coube à parte oriental, passando, então, à administração bizantina. Com a derrota de Marco Antônio e Cleópatra VII, o Egito foi transformado por Augusto em uma província imperial, governada por um prefeito da ordem equestre, designado diretamente pelo imperador. A intenção era manter os senadores distantes do país. Estes estavam proibidos de entrarem no Egito, salvo com autorização expressa do imperador. Buscava-se, desta forma, controlar e evitar manobras políticas nesta importante província imperial.

O Egito foi dividido administrativamente em três partes: a Tebaida (Alto Egito), a Heptanômia, que incluía o nomo arsinoíta (Médio Egito) e o Delta (Baixo Egito). Cada uma das três partes era administrada por um epistratego. Alexandria tinha um corpo especial de magistrados, separado do restante do Egito. Durante o período ptolomaico o epistratego exercia função militar e civil. Na época romana seu cargo ficou apenas civil, pois as tarefas militares eram desempenhadas pelo exército, subordinado diretamente ao prefeito.

A inovação levada por Augusto ao Egito se baseava na política romana, também adotada em outras províncias, de governar com a ajuda das elites locais. Dois fatores são comumente apontados para a manutenção da dominação romana e a extensão do poder

imperial: a presença de um exército forte, que os adversários não podiam enfrentar e a cooptação das elites locais, que colaboravam com a administração imperial em troca de manter seu *status quo* e adquirir uma ascensão social com a aquisição da cidadania romana.

No Egito, Augusto teve de “criar” uma elite favorável a Roma. Esta elite deveria ser de origem “grega” para se contrapor aos egípcios nativos, grande maioria da população. Contudo, a elite grega de Alexandria por ser aliada dos Ptolomeus não era confiável à nova administração. A primeira dicotomia estabelecida pelos romanos no Egito foi a divisão, em termos de elite, entre Alexandria e as cidades e vilas da *chora*. Augusto criou uma nova elite na *chora*, que foi alimentada pelos imperadores seguintes. Os “gregos” da *chora* viviam sobretudo nas metrópoles. Apesar de não ter todas as vantagens dos cidadãos de Alexandria, os metropolitanos gozavam de vários privilégios e seu poder só aumentou no decorrer do período romano.

Os critérios estabelecidos por Augusto para dividir a sociedade egípcia fizeram revigorar o sentimento de etnicidade dos habitantes do Egito Romano. O pertencer à etnia grega passou a ser enormemente valorizado e almejado por muitos. No período ptolomaico era difícil definir quem era grego ou egípcio, pois muitos indivíduos possuíam nomes gregos e egípcios transitando em ambas esferas culturais. Com os romanos houve a intenção de dividir mais claramente a população egípcia, a fim de separar egípcios e “gregos”. A etnicidade foi usada pelos romanos com finalidades políticas e funcionava como um meio de ascensão social.

A cidadania era concedida por motivos políticos e não étnicos. No entanto, a etnicidade servia à prática política de privilegiar os gregos em detrimento dos nativos. O valor das taxas e impostos que deveriam ser pagos ao governo romano dependia do grau de “helenização” da população, definido pelos romanos. Assim, enquanto os cidadãos romanos estavam isentos de taxas, os gregos habitantes das capitais dos nomos pagavam o imposto (*laographia*) com preço reduzido<sup>1</sup>. Para estabelecer esta separação entre gregos e não-gregos, os romanos tiveram que adotar um critério de etnicidade baseado na descendência e na participação da instituição do *gymnasium*. O grau de “helenização” era medido por meio de três critérios: propriedade fundiária, habitação urbana e educação grega.

Augusto iniciou no Egito um processo de municipalização com a criação de comunidades urbanas com uma elite grega proprietária de terras colocada em situação

<sup>1</sup> *Laografia* significa registro no *laos* (termo técnico que designa a população que paga imposto). Este imposto, traduzido para o inglês como *poll-tax*, era uma taxa a ser paga por todo homem entre os 14 e os 62 anos de idade, incluindo os escravos. Estavam isentos deste tributo, além dos cidadãos romanos, os cidadãos de Alexandria e seus escravos, alguns indivíduos que detinham cargos oficiais e alguns sacerdotes egípcios. O valor do imposto variava de nomo para nomo e os metropolitanos pagavam uma taxa menor.

privilegiada em relação aos egípcios. Estas comunidades, apesar da ausência da *boule* (conselho), instituída posteriormente por Septímio Severo, funcionavam como as cidades gregas de outras províncias. A maior parte das capitais dos nomos já agia como um centro local, ligado a um templo. No período ptolomaico os residentes destas cidades não parecem ter tido algum *status* especial. A situação mudou com Augusto. Com a introdução do imposto que incidia sobre os homens, os metropolitanos passaram a ter um privilégio especial que os aldeões não tinham. A admissão ao *status* metropolitano requeria que os pais do candidato e o avô materno fossem metropolitanos. Os aldeões e seus descendentes estavam excluídos. Aqueles que pertenciam ao *gymnasium* tornaram-se poderosos politicamente e se tornaram uma elite hereditária nas metrópoles.

As “cidades” egípcias estavam divididas em: póleis (Alexandria, Ptolemais, Náucratis e Antinoópolis, a partir de 130 d.C.), as metrópoles (capitais dos nomos) e as aldeias (*komai*). A hierarquia social estabelecida pelos romanos com os indivíduos divididos em categorias (cidadãos romanos, cidadãos das póleis, metropolitanos etc.) se refletia também nas “cidades” egípcias. No topo da hierarquia estavam as cidades gregas como Alexandria. Depois, vinham as metrópoles da *chora* e, por último, as aldeias. A diferença se deu, sobretudo, entre as metrópoles e as aldeias ou vilas, pois as capitais dos nomos tiveram seu *status* erguido com a criação da elite que separou os egípcios entre “nativos” e “gregos”.

Esta “helenização” de cidades e aldeias foi mais marcada no Fayum<sup>2</sup> do que no Alto Egito (Bowman, 2000: 175-176). Muitas cidades do Fayum tinham o plano ortogonal baseado nas cidades clássicas. Mas, provavelmente, o caráter “helênico” tenha se centralizado mais nas grandes cidades. Assim, as vilas e aldeias continuariam seguindo o esquema tradicional egípcio. A região do Médio Egito teve um grande incentivo à implementação do modo de vida urbano grego com Adriano, por volta de 130 d.C., sendo o modelo clássico evidente em cidades como Antinoópolis e Hermópolis Magna. Por outro lado, cidades como Mênfis e Tebas permaneceram centros das tradições egípcias nativas. Esta “urbanização” e utilização das formas artísticas gregas e romanas também se refletiram na cultura material de natureza funerária, como é o caso das máscaras e dos retratos pintados. São aspectos que trataremos a seguir.

---

<sup>2</sup> O nome Fayum deriva do copta Pa-youm, que significa “o mar” ou “o lago”, nome dado no Novo Império a uma depressão ocupada por um lago alimentado pelo Bahr Yussuf (Canal de José), um braço natural do Nilo.

### 3. Máscaras funerárias

As máscaras funerárias foram utilizadas em todo o território egípcio. No entanto, em Alexandria, como no Delta em geral, as condições de preservação não são favoráveis, devido à umidade. Por isso, a maior parte das máscaras que dispomos provém da região do Fayum, do Médio e do Alto Egito, além dos Oásis de Kharga e Bahariya.

O Fayum constituiu uma região bastante povoada desde o período ptolomaico, pois foi uma área que recebeu uma grande parcela de imigrantes gregos e cujas terras foram doadas para os clerucos (militares que recebiam um lote de terra como pagamento pelos serviços prestados). Suas cidades revelam construções públicas segundo o modelo clássico e sabemos que existiam competições esportivas e teatrais entre as mesmas. As máscaras funerárias do Fayum, feitas sobretudo de cartonagem<sup>3</sup>, assim como os retratos pintados com a técnica da encáustica ou da têmpera, espelham a ascensão social de uma elite que procurava se pautar pelo modo de vida romano sem perder sua identidade de origem. A sucessão cronológica das máscaras revela que houve uma transição do estilo egípcio para o estilo romano, no final do século I a.C. e início do século I d.C.. Inicialmente, temos máscaras em que ambos os sexos aparecem representados da mesma forma. Depois, as características morfológicas tornam-se mais individualizadas, influência da arte romana.

Exemplos<sup>4</sup>:



**Tipo 1**  
Egípcio



**Tipo 2**  
Romano

Estes tipos, estudados por Grimm (1971), demonstram a fase de transição das máscaras do Fayum. O primeiro tipo seria representativo do modelo derivado das máscaras confeccionadas durante o período ptolomaico e, o segundo, já apresenta uma nítida influência romana, com o indivíduo retratado usando *chiton* (túnica) e *himation* (manto), vestimentas típicas gregas, comumente usadas nas províncias orientais do Império Romano, notadamente

<sup>3</sup> Material constituído por camadas de linho e gesso, próprio para a confecção de peças funerárias como caixões, máscaras e envoltórios de múmia.

<sup>4</sup> Referências: Tipo 1 (GRIMM, 1971: pr. 2 fig. 3), Tipo 2 (GRIMM, 1971: pr. 6).

naquelas que, anteriormente à chegada dos romanos, faziam parte dos reinos helenísticos. A iconografia egípcia, de cunho religioso, é essencial na representação do primeiro tipo. No segundo, a presença da vestimenta romana não exclui a utilização de elementos tradicionais egípcios, que estão presentes na mumificação (estas máscaras eram colocadas sobre as múmias) ou em outros envoltórios que, por ventura, cobriam o corpo. A guirlanda de flores, provavelmente de rosas, que o morto segura está relacionada ao culto de Osiris e Ísis, divindades funerárias egípcias.

As máscaras características do Médio Egito são aquelas de gesso, cuja produção se estende dos séculos I ao IV d.C.. Os principais locais de produção eram Tuna el-Gebel (necrópole de Hermópolis Magna) e Antinoópolis. Hermópolis Magna e Antinoópolis são duas cidades que seguiam o padrão clássico de urbanismo. As inovações romanas na região datam, sobretudo, da época do imperador Adriano, quando este fundou a cidade de Antinoópolis, no ano 130 d.C., em honra ao seu escravo favorito Antínoo, que morreu afogado no Nilo quando da viagem do imperador ao país.

As máscaras de Tuna el-Gebel e de Antinoópolis podem apresentar tanto o estilo do retrato romano quanto ter algumas características egípcias ainda marcantes, como é o caso dos penteados femininos, à moda egípcia ou ptolomaica. Mas, no geral, os tipos físicos seguiam o padrão da corte imperial romana.

As máscaras de cartonagem também estão presentes, como aquelas típicas de Meir e que datam dos séculos I e II d.C.. Estas seguiam a tradição egípcia e foram, mais tarde, suplantadas pelas máscaras de gesso, cujas características faciais adquiriram traços mais individualizados a partir do século I d.C.. Algumas máscaras de Meir assemelham-se àquelas produzidas no Alto Egito. Elas representam figuras femininas usando *chiton* e *himation* e cujo penteado é formado por uma grande cabeleira ou peruca, atributo associado à deusa Háthor.

À medida que nos aproximamos do Alto Egito as características egípcias ficam mais acentuadas. É um dos lugares em que a identidade egípcia se revela mais forte, local da cidade de Tebas, sede da capital do Novo Império (c. 1550-1080), onde eclodiu a primeira revolta contra a ocupação romana, em 29 a.C.. A maior parte das máscaras do Alto Egito provém de Tebas Ocidental (Deir el-Medina, Deir el-Bahari e Medinet Habu) e Akhmin. Em Tebas, as máscaras eram feitas, sobretudo, de linho e gesso.

Um dos mais famosos achados do Alto Egito é a documentação da família Sóter. Chamada de “Soternalia” comporta caixões, múmias, sudários, rede de contas e papiros contendo o “Livro das Respirações”. Esta constitui uma das poucas referências que possuímos sobre uma família da elite tebana sob o domínio romano. Podemos notar, ao analisar esta

documentação, que os membros da família Sóter, apesar de possuírem cargos administrativos importantes no governo romano, estavam profundamente arraigados na tradição egípcia. Isto pode ser comprovado tanto pela presença de inscrições em hieróglifo e demótico, como pelo tipo característico do material funerário. Nas máscaras da área tebana os motivos iconográficos egípcios predominam e estão associados, em sua maioria, às divindades locais como Hathor, protetora da necrópole tebana e o deus funerário Sokar.

Nos oásis egípcios, como o de Kharga e Bahariya, os elementos egípcios também são predominantes. As cartonagens de Kharga assemelham-se àquelas produzidas em Akhmin que, por sua vez, também possuem semelhança com as do Fayum, fabricadas nos séculos I e II d.C.. Eram feitas de camadas de papiros superpostas e coladas, recobertas com gesso e pintadas. As máscaras eram freqüentemente douradas e seguiam o tipo egípcio. O Oásis de Kharga, com sua capital Kysis, não estava isolado do Vale do Nilo. Estava situado numa rota de caravanas e possuía destacamentos militares romanos. No entanto, as formas artísticas, derivadas da arte gregas e romana, presentes nas máscaras do Fayum ou do Médio Egito, não aparecem em Kharga, que parece ter mantido relações estreitas com a região tebana.

O pequeno oásis, como Bahariya era chamada, pertencia ao nomo de Oxyrhynchus e era ligado ao vale por uma estrada, de aproximadamente 190 km. O oásis tinha contato com as aldeias do Fayum devido ao tráfego de caravanas e foi bastante desenvolvido durante o período romano. Também aqui o mobiliário funerário e a decoração das múmias seguem o padrão egípcio tradicional para o período romano. Contudo, diferentemente do que acontece em Kharga, Bahariya possui alguns elementos tipicamente greco-romanos.

#### **4. Considerações finais**

Podemos concluir que as máscaras confeccionadas no Egito Romano apresentam variações conforme a região e a época. Esta variação estava associada à presença de uma elite local, incentivada pelo governo romano e interessada em se promover socialmente pela aquisição de um *status* social maior ligado ao seu grau de “helenização”, que poderia ser definido pela posse da cidadania grega (de alguma pólis situada em território egípcio) ou pela participação em instituições como o *gymnasium*. O mais alto grau na escala social era a obtenção da cidadania romana.

Em regiões mais afastadas de Alexandria e das áreas urbanizadas segundo os moldes clássicos, como a área tebana, a influência de elementos greco-romanos é menos presente. Desta forma, Tebas e talvez também os oásis egípcios poderiam se manter como os

últimos baluartes das formas artísticas tradicionais egípcias, em oposição ao Fayum, ao Médio Egito (sobretudo a região de Hermópolis Magna e Antinoópolis) e, provavelmente, também ao Delta, área mais povoada no período romano e que, pela proximidade com a região mediterrânea, estava mais sujeita a influências externas.

## 5. Referências bibliográficas

- AUBERT, M. F.; CORTOPASSI, R. **Portraits funéraires de l'Égypte romaine**. 1. Masques en stuc. Louvre. Département des Antiquités Égyptiennes. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 2004.
- BARTH, F. **Les groupes ethniques et leurs frontières**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- BIERBRIER, M. (Ed.) **Portraits and masks: burial customs in Roman Egypt**. London, British Museum, British Museum Press, 1997.
- BOWMAN, A. K. **Egypt after the Pharaohs 332 B.C.-A.D. 642: from Alexander to the Arab Conquest**. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- DAVOLI, P. **L'Archeologia Urbana nel Fayum di Età Ellenistica e Romana**. Missione Congiunta delle Università di Bologna e di Lecce in Egitto. Nápoles: Generoso Procaccini, 1998.
- DOXIADIS, E. **The Mysterious Fayum Portraits: Faces from Ancient Egypt**. New York: Harry N. Abrams Inc., 1995.
- GOUDRIAAN, K. **Ethnicity in Ptolemaic Egypt**. Amsterdam: J.C. Gieben, Publisher, 1988.
- GRIMM, G. **Die Römischen Mumienmasken aus Ägypten**. Deutsches Archäologisches Institut. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1974.
- HAWASS, Z. A. **Valley of the Golden Mummies**. New York: Harry N. Abrams, Inc., 2000.
- HODDER, I. (Ed.) **The archaeology of contextual meanings**. New Directions in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- IKRAM, S.; DODSON, A. **The mummy in ancient Egypt: equipping the dead for eternity**. New York: Thames and Hudson, 1998.
- JONES, S. **The Archaeology of Ethnicity**. Constructing identities in the past and present. London: Routledge, 1997.
- LEWIS, N. **Life in Egypt under Roman Rule**. New York: Oxford University Press, 1983.

MODRZEJEWSKI, J. M. **Droit Impérial et traditions locales dans l'Égypte romaine.** Collected Studies 321. Variorum: Joseph Stock, 1990.

**OFFICIAL CATALOGUE.** The Egyptian Museum, Cairo. München: Verlag Philipp von Zabern Mainz, 1987.

WALKER, S.; BIERBRIER, M. (Eds.) **Ancient Faces: Mummy Portraits in Roman Egypt.** The Metropolitan Museum of Art, New York. New York: Routledge, 2000.

ZANKER, P. **The Power of Images in the Age of Augustus.** Tradução Alan Shapiro. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1988.